

Patrick Modiano
◊
UM CIRCO QUE PASSA

Romance

Tradução de
Ana Cristina Costa

2.^a edição
revista



D. QUIXOTE



Eu tinha dezoito anos e aquele homem de quem eu já esqueci os traços fisionómicos batia as minhas respostas à máquina à medida que eu declinava o meu estado civil, o meu endereço e uma pretensa qualidade de estudante. Ele perguntou-me como ocupava os meus tempos livres.

Hesitei durante alguns segundos:

– Vou ao cinema e às livrarias.

– Com certeza que não vai só ao cinema e às livrarias.

Ele mencionou o nome de um café. Tive de lhe repetir várias vezes que nunca lá tinha posto os pés, mas percebi que ele não me acreditava. Por fim, resolveu-se a escrever a frase seguinte:

«Eu passo os meus tempos livres no cinema e nas livrarias. Nunca frequentei o Café da Tournelle, n.º 61, no cais do mesmo nome.»

De novo perguntas sobre a forma como passava os meus tempos livres e sobre os meus pais. Sim, frequentava aulas na Faculdade de Letras. Não corria nenhum risco em lhe contar esta mentira porque me tinha inscrito naquela Faculdade, mas unicamente para prolongar o adiamento do serviço militar. Quanto aos meus pais, tinham ido para o estrangeiro e eu ignorava a data do regresso, e era possível que nunca mais voltassem.

Então, ele mencionou o nome de um homem e de uma mulher e perguntou-me se eu os conhecia. Respondi-lhe que não. Pediu-me para pensar bem. O facto de eu não dizer a verdade, poderia acarretar-me graves consequências. Esta ameaça fora proferida num tom calmo, frio. Não, realmente eu não conhecia essas duas pessoas. Ele bateu a minha resposta à máquina depois estendeu-me a folha, onde em baixo se encontrava escrito: leitura feita, confirma e assina. Nem sequer li o meu depoimento e assinei com uma esferográfica que estava por ali.

Antes de sair, quis saber a razão daquele interrogatório.

– O seu nome figurava na agenda de uma pessoa.

Mas não me disse quem era essa pessoa.

– Voltaremos a convocá-lo se precisarmos de si.

Ele acompanhou-me até à porta do escritório. No corredor, num banco de couro, estava sentada uma rapariga de uns vinte e dois anos.

– Agora é a sua vez – disse-lhe ele.

Ela levantou-se e trocámos um olhar. Pela porta que ele deixou entreaberta, vi-a sentar-se no mesmo lugar onde eu tinha estado antes.

Encontrei-me novamente no cais. Eram mais ou menos cinco horas da tarde. Caminhei na direcção da Ponte Saint-Michel com o fito de esperar pela saída daquela rapariga após o interrogatório. Mas eu não podia ficar plantado em frente da entrada do edifício da polícia. Decidi refugiar-me no café que fazia esquina para o cais e para o Boulevard du Palais. E se ela tivesse ido pelo caminho oposto até à Pont-Neuf? Mas eu não tinha pensado nisso.

Estava sentado por detrás do vidro da esplanada, com o olhar fixo no Quai des Orfèvres. O seu interrogatório foi mais longo que o meu. Anoitecia quando a vi caminhar em direcção ao café.

No momento em que ela passava em frente da esplanada, bati com as costas da mão no vidro. Reconheceu-me surpreendida e veio ter comigo.

Sentou-se à mesa como se já nos conhecêssemos e tivéssemos marcado encontro. Foi ela quem falou primeiro:

– Ele fez-lhe muitas perguntas?

– O meu nome estava escrito na agenda de uma pessoa.

– E sabe quem era essa pessoa?

– Não me quiseram dizer. Mas talvez me possa informar.

Ela franziu o sobrolho.

– Informá-lo de quê?

– Acho que o seu nome também aparecia escrito nessa agenda e foi interrogada pelo mesmo motivo.

– Não. Eu fui para testemunhar.

Parecia preocupada. Tive até a impressão de que se esquecia a pouco e pouco da minha presença. Fiquei calado. Ela sorriu-me. Perguntou-me a idade. Respondi-lhe que tinha vinte e um anos. Acrescentei mais três anos: a idade da maioridade, naquela época.

– Trabalha?

– Sou agente livreiro – disse-lhe ao acaso num tom que me esforçava para que fosse firme.

Ela observava-me, pensando sem dúvida se podia confiar em mim.

– Faz-me um favor? – perguntou-me.

Praça do Châtelet, ela quis apanhar o metro. Era hora de ponta. Estávamos comprimidos ao pé das portas. Em cada estação, os que desciam empurravam-nos para o cais. Depois voltámos a subir para a carruagem com os novos passageiros. Ela encostou a cabeça no meu ombro e disse-me sorrindo que «ninguém nos poderia encontrar no meio daquela multidão».

Na estação da Gare du Nord, fomos levados pela onda de passageiros que iam para os comboios dos subúrbios. Atravessámos o átrio da estação e na sala dos cacifos automáticos ela abriu um e tirou uma mala preta de couro.

Eu carregava a mala que pesava muito. Achei que ela devia conter tudo menos roupas. Novamente o metro, a mesma linha, mas na outra direção. Desta vez tivemos lugares sentados. Descemos na Cité.

No extremo da Pont-Neuf, esperámos que o sinal passasse a vermelho. Eu sentia-me cada vez mais ansioso. Perguntava a mim próprio qual seria a receção de Grabley à nossa chegada ao apartamento. Não deveria eu falar-lhe de Grabley, de forma a ela não se sentir apanhada de surpresa com a sua presença?

Seguimos ao longo do edifício da Monnaie. Ouvi bater as nove horas no relógio do Instituto.

– Tem a certeza de que eu não vou incomodar ninguém ao ir para sua casa? – perguntou-me ela.

– Não. Ninguém.

Não havia nenhuma luz nas janelas do apartamento que davam para o cais. Ter-se-ia Grabley retirado para o seu quarto que dava para o pátio? Normalmente, ele estacionava o carro no meio da pequena praça entre a Monnaie e o Instituto, mas não se encontrava lá.

Abri a porta do quarto andar e atravessámos o vestíbulo. Entrámos no escritório do meu pai. A luz vinha de uma lâmpada nua pendurada no teto. Não havia mais nenhum móvel à exceção de um velho canapé de ramagens cor de vinho.

Pus a mala ao pé do canapé. Ela dirigiu-se para uma das janelas.

– Tem uma bela vista...

À esquerda, a extremidade da Ponte das Artes e o Louvre. Em frente, a ponta da ilha da Cité e o jardim do Vert-Galant.

Sentámo-nos no canapé. Ela olhava à sua volta e parecia admirada com o vazio da casa.

– Vai-se mudar?

Disse-lhe que, infelizmente, nós devíamos deixar aquele lugar dentro de um mês. O meu pai tinha partido para a Suíça para ali acabar os seus dias.

– Porquê a Suíça?

Era realmente muito complicado explicar-lho, naquela noite. Encolhi os ombros. Grabley estava a chegar de um momento para o outro. Qual seria a sua reação ao ver aquela rapariga e a mala? Receava que telefonasse para a Suíça para o meu pai e que este, num derradeiro assomo de dignidade em relação a mim, pretendesse ainda assumir o papel dos pais nobres falando-me dos meus estudos e do meu futuro comprometido. Mas seria totalmente inútil da sua parte.

– Estou cansada...

Convidei-a a estender-se sobre o canapé. Ela não despiu o impermeável. Lembrei-me de que o aquecimento não funcionava.

– Tem fome? Vou buscar qualquer coisa à cozinha...

Ela estava no canapé, com as pernas dobradas, sentada sobre os calcanhares.

– Não vale a pena. Só qualquer coisa para beber...

Já não havia luz no vestíbulo. A claraboia do enorme corredor que levava à cozinha iluminava a casa com uns reflexos pálidos, como se fosse luar. Grabley tinha deixado aceso o candeeiro do teto da cozinha. Em frente do antigo monta-cargas, uma tábua de passar a ferro em cima da qual reconheci as calças e o seu fato príncipe de Gales. Era ele próprio que passava as camisas e os fatos. Em cima da mesa de bridge, onde eu às vezes comia com ele, estava um frasco de iogurte vazio, a casca de uma banana e uma carteira de Nescafé. Ele tinha jantado lá nessa noite.

Encontrei dois iogurtes, uma fatia de salmão, alguma fruta e uma garrafa de whisky quase vazia. Quando voltei ela lia uma das revistas que Grabley empilhava há várias semanas em cima da lareira do escritório, revistas «ligeiras» como ele próprio dizia e pelas quais tinha uma grande predileção.

Coloquei o tabuleiro à nossa frente, no chão.

Ela deixou ao seu lado uma revista grande aberta e eu distingui uma fotografia a preto e branco de uma mulher nua, de costas, os cabelos apanhados em rabo de cavalo, a perna esquerda estendida, a da direita dobrada, o joelho em cima do colchão de uma cama.

– Lê coisas muito curiosas...

– Não, não sou eu que leio isso... é um amigo do meu pai...

Ela trincava uma maçã e serviu-se de um pouco de whisky.

– O que é que meteu naquela mala? – perguntei-lhe eu.

– Oh, nada de interessante... coisas pessoais...

– Era pesada. Pensei que continha lingotes de ouro.

Ela sorriu atrapalhada. Explicou-me que vivia numa casa nos arredores de Paris, do lado de Saint-Leu-la-Forêt, mas os proprietários tinham chegado ontem à noite de imprevisto. Ela preferia sair porque não se entendia muito bem com eles. Amanhã, ia alugar um quarto num hotel enquanto aguardava um alojamento definitivo.

– Pode ficar aqui o tempo que quiser.

Eu tinha a certeza de que Grabley, após a surpresa inicial, não encontraria nada para dizer. Quanto à opinião do meu pai, ela já não contava para mim.

– Se calhar tem sono?

Prontifiquei-me a ceder-lhe o quarto lá de cima.

Eu dormiria no canapé do escritório.

Subi atrás dela, com a mala na mão, a pequena escada que levava ao quinto andar. O quarto estava tão vazio como o escritório. Uma

cama encostada à parede do fundo. Não havia nem mesa de cabeceira nem candeeiro. Acendi os dois néons dos dois armários, de cada lado da lareira, onde o meu pai guardava a sua coleção de peças do jogo de xadrez, mas estas haviam desaparecido, assim como o pequeno armário chinês e o quadro falso de Monticelli, que deixara marca na madeira azul-celeste. Eu tinha confiado estes três objetos a um antiquário, um certo Dell'Aversano, para ele os vender.

– É o seu quarto? – perguntou-me ela.

– Sim.

Pousei a mala em frente da lareira. Ela pôs-se à janela como há pouco, no escritório.

– Se olhar bem para a direita – disse-lhe eu –, vê a estátua de Henrique IV e a Torre de Saint-Jacques.

Ela deu uma olhadela pelos livros, entre as duas janelas. Depois, estendeu-se em cima da cama e tirou os sapatos com um movimento indolente do pé. Perguntou-me onde ia eu dormir.

– Lá em baixo, no canapé.

– Fique aqui – pediu-me. – Não me incomoda nada.

Ela mantinha ainda vestido o impermeável. Apaguei a luz dos armários. Estendi-me a seu lado.

– Não acha que faz frio?

Ela aproximou-se e deitou docemente a cabeça no meu ombro. Reflexos e sombras em forma de grades deslizavam pelas paredes e pelo teto.

– O que é isto? – perguntou-me ela.

– É o *bateau-mouche* a passar.



Acordei sobressaltado. A porta da entrada tinha batido.

Ela estava deitada encostada a mim, nua, com o seu impermeável. Eram sete horas da manhã. Ouvi os passos de Grabley. Estava a telefonar no escritório. A sua voz tornava-se cada vez mais forte, como se estivesse a discutir com alguém. Depois saiu do escritório e foi para o quarto.

Ela acordou por sua vez e perguntou-me as horas. Disse-me que tinha de se ir embora. Deixara umas coisas na casa de Saint-Leu-la-Forêt e preferia ir buscá-las o mais cedo possível.

Ofereci-lhe um pequeno-almoço. Havia ainda algumas carteiras de Nescafé na cozinha e um desses pacotes de biscoitos Choco BN que Grabley comprava regularmente. Quando voltei ao quinto andar com o tabuleiro, ela estava na casa de banho grande. Saiu de lá vestida com a sua saia e a sua camisola pretas.

Telefonar-me-ia ao princípio da tarde. Não tinha papel para anotar o número. Tirei um livro das prateleiras, arranquei a página de guarda onde escrevi o meu nome, a minha direção e DANTON 55-61. Ela dobrou-a em quatro e enfiou-a num dos bolsos do impermeável. Depois, os seus lábios afloraram os meus e disse-me em voz baixa que me agradecia e que estava ansiosa por voltar a ver-me.

Ela caminhava pelo passeio do cais na direção da Ponte das Artes.

Fiquei à espera alguns instantes à janela olhando a sua silhueta lá em baixo, na ponte.

Arrumei a mala no cubículo ao cimo das escadas. Pu-la deitada no chão. Estava fechada à chave. Deitei-me de novo e senti o seu perfume na concavidade de uma das almofadas. Ela acabaria por me confessar porque é que a tinham interrogado ontem à tarde. Tentei lembrar-me dos nomes das duas pessoas que o polícia tinha mencionado, perguntando-me se as conhecia. Um dos nomes soava mais ou menos como «Beaufort» ou «Bousquet». Em que agenda teria ele encontrado o meu nome? Talvez se quisesse informar sobre o meu pai? Ele perguntou-me para que país estrangeiro ele tinha ido. Baralhei as pistas e respondi:

– Para a Bélgica.

Na semana anterior, eu acompanhara o meu pai à estação de Lyon. Ele levava o seu velho sobretudo azul-escuro e como bagagem apenas um saco de couro. Tínhamos chegado antes da hora, e esperámos o comboio de Genève na grande sala do restaurante do primeiro andar de onde avistávamos o *hall* e as vias férreas. Seria da luz do fim do dia, dos dourados do teto, dos lustres, o brilho que batia em nós? O meu pai pareceu-me subitamente envelhecido e cansado, como alguém que há muito tempo joga «ao gato e ao rato» e está prestes a render-se.

O único livro que levava para esta viagem chamava-se *La Chasse à courre*. Ele tinha-mo recomendado por várias vezes, porque o autor fazia alusão ao nosso apartamento, onde vivera durante vinte anos. Que coincidência engraçada... A vida do meu pai, em certos períodos, não se assemelhara ela a uma caça a cavalo na

qual ele tinha sido o javali? Mas, até então, conseguira livrar-se sempre dos caçadores.

Estávamos frente a frente com os nossos cafés expresso. Ele fumava com o cigarro ao canto dos lábios. Falava-me dos meus «estudos» e do meu futuro. Segundo ele, era interessante querer escrever romances tal como eu tencionava fazer mas era mais prudente obter alguns «diplomas». Fiquei calado, a ouvi-lo. Os termos «diplomas», «situação estável», «profissão», adquiriam um som estranho na sua boca. Ele pronunciava-os com respeito e uma certa nostalgia. Após alguns instantes, calou-se, deitou uma nuvem de fumo e encolheu os ombros.

Não trocámos nem mais uma palavra até ao momento em que entrou na carruagem e se debruçou na janela aberta. Eu fiquei no cais.

– Grabley vai viver no apartamento contigo. Depois, resolvemos. Vai ser preciso alugar outro apartamento.

Mas ele tinha dito isto sem a menor convicção. O comboio de Genève estremeceu e eu tive a sensação nesse mesmo momento de ver afastar-se para sempre aquela cara e aquele casaco azul-escuro.

Cerca das nove horas, desci ao quarto andar. Tinha ouvido os passos de Grabley. Ele estava sentado com o seu roupão escocês, no canapé do escritório. Ao lado, um tabuleiro com uma chávena de chá e um Choco BN. Não estava barbeado e tinha uma cara cansada.

– Bom dia, Obrigado...

Tinha-me posto aquele nome por causa de uma discussão amigável entre nós. Uma noite, combinámos um encontro em frente de um cinema da Avenida da Grand-Armée. Ele tinha-me explicado que era na estação de metro Obrigado. Mas esta

estação chamava-se agora Argentine e ele não quis admitir. Fizemos uma aposta que eu ganhei.

– Dormi duas horas esta noite. Fiz uma «digressão».

Ele acariciava o bigode loiro e franzia os olhos.

– Sempre pelos mesmos sítios?

– Sempre.

A sua «digressão» começava invariavelmente às oito horas no Café Deux Magots onde tomava um aperitivo. Depois ia para a margem direita e parava na Praça Pigalle. Ficava neste bairro até de madrugada.

– E você, Obrigado?

– Eu alberguei uma amiga, ontem à noite.

– O seu pai está ao corrente?

– Não.

– Devia tê-lo consultado. Vou com certeza falar com ele ao telefone.

Ele imitava o meu pai quando este se pretendia mostrar sério e responsável, mas soava ainda mais a falso que o original.

– E qual é o género dessa jovem?

Ele adquiria o tom afetado com o qual me convidava, todos os domingos de manhã, a acompanhá-lo à missa.

– Primeiro, não é uma jovem.

– É bonita?

Eu achava aquele sorriso abusador e de uma fatuidade de caixeiro viajante que nos conta as suas aventuras em frente de uma cerveja, num café de uma estação qualquer.

– A minha também não era nada má...

O tom tornava-se agressivo, como se se pusesse a competir comigo. Não sei muito bem o que sentia naquela altura na presença daquele homem sentado no escritório vazio, que evocava uma mudança demasiado rápida dos móveis e dos quadros empenhados na casa de penhores ou mesmo confiscados. Ele

era o duplo do meu pai. Tinham travado conhecimento muito jovens, numa praia da costa atlântica e o meu pai desviou esse pequeno-burguês francês. Desde há trinta anos que Grabley vivia na sua sombra. O único hábito que conservava da sua infância e da sua boa educação era o de ir todos os domingos à missa.

– Apresenta-me essa rapariga?

Deu-me uma piscadela de olho cúmplice.

– Podíamos mesmo sair juntos, se quiser... Gosto muito dos casais jovens.

Eu imagináva-nos, ela e eu, no carro de Grabley a atravessar o Sena na direção de Pigalle. Um jovem casal. Acompanhei-o uma noite ao Deux Magots, antes de ele partir para a sua «digressão» habitual. Sentámo-nos numa mesa da esplanada. Fiquei surpreendido ao vê-lo cumprimentar um casal com uns vinte e cinco anos: a mulher, uma loira muito graciosa, o homem, um moreno muito elegante. Ele foi mesmo falar-lhes, à mesa, enquanto eu ficava sentado a observá-los. A idade deles e o seu porte formavam um tal contraste com os gestos obsoletos de Grabley que até perguntei a mim próprio como é que ele os podia conhecer. O homem parecia divertir-se com os ditos de Grabley, a mulher mantinha-se mais distante. Ao deixá-los, Grabley apertou a mão do homem e cumprimentou a mulher com um aceno cerimonioso de cabeça. Quando saímos, ele apresentou-mos mas eu esqueci-me dos seus nomes. Depois, ele disse-me que aquele «jovem» era «uma relação muito útil» e que o tinha conhecido durante as suas «digressões» por Pigalle.

– Está com um ar pensativo, Obrigado... Está apaixonado?

Ele tinha-se levantado e mantinha-se de pé à minha frente, com as mãos nos bolsos do roupão.

– Vou ter de trabalhar durante todo o dia. Tenho de organizar e de fazer toda a mudança dos papéis do n.º 73.

Era um escritório que o meu pai tinha alugado, no Boulevard Haussmann. Eu ia frequentemente lá ter com ele ao fim da tarde. Uma divisão esquinada com um pé alto muito grande. O dia entrava pelas quatro portadas das janelas de sacada que davam para o boulevard e para a Rua de l'Arcade. Havia prateleiras nas paredes e uma mesa maciça em cima da qual se encontravam arrumados tinteiros, mata-borrões e uma escrivaninha.

Em que é que ele trabalhava ali? Encontrava-o sempre ao telefone. Trinta anos depois acabo de descobrir, por acaso, um envelope que tinha impresso no verso: Sociedade Civil de Estudos de Tratamento de Minerais, 73, Boulevard Haussmann Paris 8.º

– Pode ir ter comigo ao n.º 73 com a sua amiga. Poderíamos jantar juntos...

– Acho que ela não está disponível esta noite.

Ele parecia desiludido. Acendeu um cigarro.

– Em todo o caso, telefone-me para o n.º 73 para me dizer o que pensa fazer... Terei imenso prazer em a conhecer...

Achei que tinha de manter as distâncias senão arriscava-me a tê-lo em cima de mim vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas. Mas eu nunca soube dizer não.



Fiquei no escritório, a ler, à espera do seu telefonema. Ela havia-me dito: ao princípio da tarde. Eu coloquei o telefone em cima do canapé. A partir das três horas, comecei a sentir uma vaga inquietação que, pouco a pouco, se foi agravando. Temia que ela não me telefonasse mais. Tentei retomar a minha leitura em vão. Finalmente o telefone tocou.

Ela ainda não tinha ido buscar o resto das suas coisas a Saint-Leu-la-Forêt. Marcámos um encontro às seis horas no Tournon.

Eu tinha tempo de ir a casa de Dell' Aversano para saber por quanto é que ele estava a pensar comprar-me o falso Monticelli, o pequeno contador chinês e as figuras de xadrez que eu lhe tinha confiado.

Atravessei a Pont-Neuf e segui pelo cais. Dell' Aversano tinha uma loja de antiguidades na Rua François-Miron, depois da Câmara Municipal. Conhecera-o mais ou menos há dois meses enquanto escolhia alguns livros em segunda mão que estavam expostos à entrada da loja.

Era um homem moreno, quarentão, com cara de romano e olhos claros. Falava francês com um ligeiro sotaque. Tinha-me contado que fazia comércio de antiguidades entre a França e a Itália, mas não lhe fiz muitas perguntas sobre isso.

Ele estava à minha espera. Levou-me a tomar um café no cais perto da Igreja Saint-Gervais. Estendeu-me um envelope dizendo que me comprava tudo por sete mil e quinhentos francos. Agradeceu-lhe. Podia subsistir bastante tempo graças a essa quantia. Depois, tinha de deixar o apartamento e desenhencilhar-me sozinho.

Como se adivinhasse os meus pensamentos, Dell' Aversano perguntou-me o que é que eu pensava fazer no futuro.

– Já sabe, a minha proposta continua de pé...

Ele sorria-me. Na minha última visita, tinha-me dito que me podia arranjar um emprego em Roma, num livreiro seu conhecido que precisava de um empregado francês.

– Pensou nisso? Concorde em ir para Roma?

Disse-lhe que sim. Além do mais já não tinha nenhum motivo para ficar em Paris. Estava certo de que Roma seria o mais adequado para mim. Lá haveria uma nova vida. Tinha de arranjar um mapa da cidade, estudá-lo diariamente, saber de cor os nomes de todas as ruas e de todas as praças.

– Conhece bem Roma? – perguntei-lhe.

– Conheço. Nasci lá.

– Virei visitá-lo de vez em quando com o meu mapa, e vou fazer-lhe todas as perguntas acerca dos bairros da cidade. Assim, quando chegar a Roma, não me sentirei desorientado.

Aceitaria ela acompanhar-me? Vou falar-lhe nisso esta noite. Aqui está talvez uma solução que também lhe possa resolver os problemas.

– Viveu em Roma?

– Com certeza – respondeu-me. – Durante vinte e cinco anos.

– Em que rua?

– Nasci no Bairro San Lorenzo e a minha última morada foi na Via Euclide.

Deveria ter anotado os nomes do bairro e da rua, mas ia tentar lembrar-me e identificá-los no mapa.

– Pode ir no mês que vem. Esse amigo arranja-lhe alojamento. Não acho que o trabalho seja muito difícil. Trata-se de livros franceses.

Ele aspirou longamente o cigarro, depois, com um gesto elegante, como que ao ralenti, levou a chávena de café aos lábios.

Contou-me que em Roma, precisamente, durante a sua juventude, ele e os amigos se sentavam na esplanada de um café. Faziam um concurso para ver qual deles levava mais tempo a beber uma laranja. A maior parte das vezes, aquilo durava a tarde inteira.



Cheguei adiantado ao encontro e fui passear pelo jardim do Luxemburgo. Pela primeira vez tive a sensação do inverno a chegar. Até à data, tínhamos tido dias soalheiros de outono.

Quando saí do jardim, a noite caía e os guardas apressavam-se a fechar os portões.

Escolhi um lugar ao fundo no Café do Tournon. No ano anterior, este café fora para mim um refúgio quando andava no Liceu Henrique IV, frequentava a biblioteca municipal do Sexto Bairro e o cinema Bonaparte. Observei lá um cliente assíduo, o escritor Chester Himes, sempre rodeado por músicos de *jazz* e por mulheres loiras muito bonitas.

Cheguei ao Tournon cerca das seis horas e às seis e meia ela ainda não tinha aparecido. Chester Himes estava sentado num banco, perto da montra, na companhia de duas mulheres. Uma tinha uns óculos de sol. Conversavam animadamente, em inglês. Alguns clientes bebiam, em pé, ao balcão. Para acalmar o meu nervosismo, tentava seguir a conversa de Himes e das suas amigas, mas eles falavam muito depressa, à exceção de uma das mulheres com sotaque escandinavo de quem eu percebia algumas coisas. Ela queria mudar de hotel e perguntava a Himes como se chamava aquele onde tinha ficado no início da sua estadia em Paris.

Eu espreitava-a pela montra. Já era de noite. Um táxi parou em frente do Tournon. Ela saiu. Trazia vestido o seu impermeável. O motorista saiu por sua vez. Abriu o porta-bagagens e estendeu-lhe uma mala, mais pequena que a da noite anterior.

Ela veio na minha direção, com a mala na mão. Parecia contente por me ver. Voltava de Saint-Leu-la-Forêt onde fora buscar o resto das coisas. Tinha arranjado um quarto de hotel para essa noite. Pedia-me simplesmente para levar aquela mala para minha casa. Preferia que ela ficasse «num lugar seguro», lá, com a outra. Voltei a dizer-lhe que aquelas malas continham lingotes de ouro. Mas ela respondeu-me que se tratava simplesmente de objetos que não possuíam nenhum valor especial, exceto para ela.

Observei-lhe, num tom veemente, que ela tinha feito mal em ter alugado um quarto de hotel, porque eu podia muito bem alojá-la no meu apartamento, todo o tempo que ela quisesse.

– É preferível que eu fique no hotel.

Senti reserva da sua parte. Escondia-me qualquer coisa e eu perguntava a mim próprio se era porque não tinha confiança em mim ou porque receava chocar-me ao revelar a verdade.

– E você, o que é que tem feito?

– Nada de especial. Vendi os móveis do apartamento para ter algum dinheiro.

– E rendeu alguma coisa?

– Sim.

– Precisa de dinheiro?

Ela fitava-me com o seu olhar azul-pálido.

– É uma parvoíce. Eu posso emprestar-lhe dinheiro.

Sorria. O empregado veio atender-nos. Ela quis uma groselha. Eu imitei-a.

– Tenho algum dinheiro de lado – disse-me. – Está à sua disposição.

– É amável, mas parece-me que encontrei trabalho.